

DESCOBRIR-SE ADOTADO

Natana Guinzelli¹Aline Aparecida Campigotto Hack²

RESUMO

Adotar é uma experiência humana complexa, assim como toda paternidade e maternidade. A finalidade da adoção é oferecer um ambiente familiar favorável ao desenvolvimento de uma criança, que por algum motivo, ficou privada de sua família biológica na condição de filho. É comum na maioria dos casos de adoção alguns pais adotivos ocultarem a verdade, retardá-la ou até mesmo deixar que ela seja descoberta por meio de outras pessoas, o que pode influenciar na formação psicossociocognitiva da criança. Nesta pesquisa teve-se o objetivo de compreender o processo da descoberta da adoção em três sujeitos que se descobriram adotados entre os 07 e os 18 anos de idade. Como método para a coleta de dados foram desenvolvidas entrevistas semiestruturadas, a análise de dados ocorreu a partir de Bardin (2016), sendo que os indivíduos foram contatados por meio da técnica Snowball. As implicações éticas desta pesquisa foram mínimas, pois os direitos dos participantes estiveram garantidos, já que todas as informações foram consentidas mediante o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Conclui-se, neste estudo, que se descobrir adotado é algo complexo e que pode desencadear vários tipos de comportamentos e sentimentos, como tristeza, luto e revolta no filho adotivo, porém, não existe um padrão de sentimentos e comportamentos a ser manifesto por intermédio dessa descoberta, mas, sim, reações influenciadas conforme a personalidade do indivíduo, suas crenças e até mesmo a cultura na qual está inserido. Palavras-chave: Adoção. Descoberta. Compreender.

1 INTRODUÇÃO

Falar a respeito de adoção sempre foi um tanto delicado, pois adotar não é algo simples. O fato é que ouvir falar sobre a adoção e de como isso foi para quem adotou não expõe como os filhos adotivos processam essa questão em sua descoberta. Segundo Granato (2010), aproximar-se da adoção é uma experiência intricada, tão complexa quanto à maternidade de um filho sanguíneo, pois envolve a construção de um ser e mais do que isso, a construção de um ser-filho.

No momento em que a família opta pelo acolhimento passa a ser preparada para tal, porém, não é isso que se pode afirmar em relação ao filho que é adotado. Este não foi preparado para ser abandonado por seus pais biológicos e, na maioria dos casos, não é preparado para saber sobre a realidade do seu próprio passado. Mesmo se desenvolvendo em meio à sua família adotiva e recebendo o suporte necessário para o seu crescimento, a descoberta da adoção pode vir a ser uma experiência traumática para o filho adotivo, abrindo brechas para novos pensamentos e questionamentos ao seu próprio respeito e à respeito de sua origem.

Neste estudo buscou-se compreender o processo da descoberta da adoção em três sujeitos que souberam ser adotados entre os 07 e os 18 anos de idade, além de verificar os sentimentos despertados em relação a essa verdade e identificar as mudanças comportamentais após essa descoberta.

2 MÉTODO

A presente pesquisa foi qualificada com metodologia qualitativa e de cunho exploratório. O artifício adotado para coletar os dados foi a entrevista semiestruturada, utilizando para auxílio desta um gravador de voz. Em relação à análise dos dados obtidos para a realização da análise de conteúdo se baseou nos estudos de Bardin (2016), que visam ao conhecimento de variáveis de ordens psicológica, sociológica, histórica, entre outras, por meio de um mecanismo de

¹ Graduada em Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina de Xanxerê; na_guinzelli@hotmail.com

² Pós-graduada em Psicologia Organizacional e do Trabalho pela Escola de Educação Cooperativa da Unicamp; Graduada em Psicologia pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó; Professora no Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina de Xanxerê; aline.hack@unoesc.edu.br

dedução com bases em indicadores reconstruídos a partir de uma amostra de mensagens particulares. Caracteriza-se, assim, como um método de tratamento da informação contida nas mensagens.

Os indivíduos foram contatados por meio da técnica Snowball, que é “uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais” (ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1994), sendo que o primeiro participante foi contatado por meio de uma conhecida da pesquisadora, indicando os demais participantes posteriormente. Os indivíduos participantes do estudo foram identificados como I, II e III, a fim de manter o sigilo resguardando a identidade de cada um. As implicações éticas desta pesquisa foram mínimas, pois os direitos dos participantes estiveram garantidos, sendo que todas as informações foram consentidas por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

3 COMO FOI A DESCOBERTA DA ADOÇÃO

Weber (2003) posiciona que o melhor momento para saber é “desde sempre”. Esclarece que há controvérsias entre autores no que se refere à idade ideal para contar a história da adoção. Refere, ainda, que uma criança pode demorar muito tempo para entender a questão do nascimento e nunca questionar claramente sobre a sua história. A autora entende que a questão deve ser apresentada assim que a criança assimilar a posição que ocupa na família.

O participante I da pesquisa descreveu a forma como descobriu: “eu descobri numa conversa com [...] uma vez, veio uma amiga da mãe em casa né, e eu estava na sala e escutei elas falando sobre a adoção, e daí a mãe contou pra ela que eu tinha sido adotado. Eu tinha sete anos.” (informação verbal).

A autora ainda afirma que caso não ocorra a “hora da verdade”, em que os pais adotivos preparam o momento para a revelação, as repercussões poderão ser inúmeras intimamente e no convívio em família. Mediante isso, a participante II relatou:

Eu descobri através, como diz assim [...] da minha cunhada que ela falava um pouquinho demais né [...] e eu estava na igreja, comecei a passar mal e fui para o banheiro. Lá tinha uma mulher e essa mulher me disse “você é filha da dona ***?”, e eu disse “sim”, e ela disse, “não, tu não é filha dela, tu é adotada”, e eu disse “não, isso é mentira!”, e ela disse: “sim, é verdade.” E aí eu disse “quem que te falou?” e ela disse “foi a tua cunhada”. Então foi através disso que descobri, eu já tinha quinze anos de idade, fiquei revoltada com a minha família e até mesmo quis sair de casa. (informação verbal).

Percebe-se que além de as formas de descoberta sobre a adoção serem inúmeras, quando a notícia é trazida à tona sem ser explicitada pela família adotiva, conflitos acabam por ser gerados, internos ou externos. A forma como essa notícia é revelada influencia grandemente na maneira como os filhos adotivos passarão a lidar com essa informação.

O participante III, ao falar sobre a sua descoberta, enfatizou: Eu estava brincando na rua com os meus tios que a gente se chamava de irmãos, fomos criados que nem irmãos [...] e um dado momento lá eles gritaram mãe daqui, mãe dali né, e eu gritei também, “a mãe né”, e um deles disse mas ela não é a tua mãe, você é adotado [...] eu fiquei sem entender nada. (informação verbal).

Levinzon (2009) afirma que “cada criança tem seu próprio ritmo, suas condições e estrutura para lidar e compreender a sua adoção”, fato que se pode perceber no decorrer deste artigo, sendo que cada filho adotivo, ao ter conhecimento sobre o assunto, pode decidir o que quer saber sobre tal e quando quer saber, buscando ou pesquisando até o momento que se sinta satisfeito em relação a isso.

3.1 SUSPEITA SOBRE ADOÇÃO

Wagner e Falcke (2005) citam que o ato de manter o segredo gera ansiedade nos membros da família envolvidos, e embora o evento seja escondido, a intensidade dos sentimentos em relação a ele dificilmente pode ser disfarçada.

Dos três participantes, um deles relatou sobre sentir na pele a suspeita de ser filho adotivo, mesmo antes de saber sobre essa verdade, o qual compartilhou uma informação valiosa em relação a esse aspecto: “eu sempre tive uma coisa que eu achava que eu não era parecido com os outros. Eles eram mais cabelinho pixaquinho e tal e eu cabelo mais escorrido que nem um índio e tal. Eu já notava isso né, eu percebia.” (participante III) (informação verbal).

Weber (2003) afirma que “descobrir a adoção é algo delicado, os pais adotivos na maioria das vezes procuram imitar uma família biológica e ocultar algumas relações.” Ao se refletir sobre essa informação é possível compreender

que não são todos os casos em que existe uma desconfiança em relação à sua verdadeira origem, porém, a suspeita em meio a uma parcela de filhos adotivos se faz presente, seja ela por meio da aparência, seja por meio das informações ocultas que a família adotiva acaba demonstrando inconscientemente.

A participante II, diferentemente do participante citado anteriormente, declarou: “Eles sempre me trataram como filha mesmo, me deram [...] tiravam deles pra dar pra mim, eu nunca ia imaginar pela minha cabeça isso, nunca passou isso pela minha mente, pra mim eu sempre fui filha deles mesmo.” (informação verbal).

Levinzon (2009) acredita que, por mais que os pais adotivos consigam esconder por algum tempo sobre a adoção, essa tentativa torna a relação baseada em falsas premissas, o que influencia no desenvolvimento desse filho adotado, pois omitir a adoção para ele indica que há algo errado em relação a isso.

Ainda ao conversar sobre o assunto após o momento da coleta de dados para este estudo, essa participante relatou que passou por um tempo muito complexo após a descoberta, e a sua relação com os pais adotivos ficou prejudicada por um longo período. É relevante compreender que embora em alguns casos não haja a suspeita de adoção, se essa verdade for oculta por um longo tempo, acabará por dificultar o processo da aceitação sobre a realidade em ser filho adotivo, quando este descobrir sobre tal.

3.2 REAÇÃO E SENTIMENTOS AO DESCOBRIR SOBRE A ADOÇÃO

Quando se trata das reações mediante a descoberta da adoção, Piccini (1986) afirma que essa descoberta, além de ser uma novidade que é encarada por cada um de formas diferentes, pode causar conflitos internos e externos que despertam reações as quais possivelmente antes não haviam sido sentidas e vivenciadas com tanta profundidade. A participante II declarou sobre a sua reação: “olha, eu na verdade fiquei chocada na hora e até eu mudei bastante o meu comportamento.” (informação verbal).

Posteriormente à coleta de dados, a mesma participante trouxe ainda algumas questões relacionadas a esse choque que levou ao se descobrir adotada. Ela relatou que no momento em que a verdade veio à tona por intermédio de uma pessoa estranha, como citado anteriormente, sentiu-se tão incomodada que saiu de sua casa e procurou uma casa de prostituição para morar. Não porque tivesse interesse em trabalhar com isso, mas porque se sentiu rejeitada por seus pais biológicos e enganada por seus pais adotivos.

Esse fato realça o que Piccini (1986) traz na questão de que a descoberta sobre a adoção é encarada como uma novidade que pode causar conflitos com reações diversas antes não despertadas e nunca demonstradas. Por vezes, a atitude não quer dizer que seja o que o filho adotivo quer realmente fazer, mas que apenas possa ser uma reação diante a situação.

Conforme Almeida (2003), para algumas pessoas ao se descobrirem na condição de filhos adotados, a boa relação com a família que os acolheu não é suficiente para a plenitude da sua identificação pessoal, e é nessa perspectiva de concretizar a sua identidade que o filho adotivo desperta para a procura de uma individualidade que o distingue das demais.

Na verdade assim, no primeiro momento foi impactante assim [...] quando eu soube que eu não era filho daquela mulher. Mas de outro lado eu fiquei feliz, porque alguém também se preocupou comigo e estava me criando, mas depois disso eu quis saber quem eu era. (participante III) (informação verbal).

É possível compreender que as reações são inúmeras ao se descobrir adotado e a querer saber sobre sua realidade, sua origem ou sobre compreender a respeito de si mesmo é algo normal e que pode vir a despertar de grande forma.

Além das reações um outro fator que é despertado com a descoberta da adoção são os sentimentos. Para Rosin e Rodrigues (2007), os sentimentos distinguem-se como reguladores de ação: a estabilidade dos sentimentos garante as condutas sociais, como a cristalização no amor, e ao contrário, os sentimentos desreguladores levam o sujeito a se tornar alheio às estimulações das circunstâncias. O participante III afirmou em relação a seus sentimentos: “é [...] eu fiquei assim, bem chateado, bem triste porque eu estava vivendo uma vida normal até então né, e pra mim foi um impacto muito grande.” (informação verbal).

Os sentimentos são considerados reguladores de ação, ou seja, nota-se que o fato de se sentir chateado e triste com essa informação é algo que pode acontecer e vir a influenciar na forma de o indivíduo reagir. A maneira como este passa a se portar após a descoberta é extremamente influenciada por seus sentimentos. A partir das suas reações após descobrir sua realidade, fica mais claro de se identificar os tipos de sentimentos que foram despertados com isso.

Em uma perspectiva behaviorista, Frank (1990) destaca a importância dos contatos afetivos nos primeiros anos, ao afirmar que o sentimento de confiança básica no mundo e nas pessoas da família estabelece proteção e segurança. Quando uma criança é abandonada, esse funcionamento é interrompido, fato que pode acarretar dificuldades para o restante do seu desenvolvimento emocional. A participante II, ao contar sobre seus sentimentos, afirmou:

eu senti rejeitada pela minha própria família, porque tu não sabe o porquê te abandonaram né. Eu até hoje me pergunto o porquê a minha mãe me abandonou. Eu guardo uma dor que se tu me pedir eu não vou saber responder que dor é essa, é uma solidão, é uma tristeza que às vezes eu estou quieta assim e começo chorar, eu fico nervosa e é porque eu sinto muita falta de conhecer meus pais verdadeiros, mas [...] (informação verbal).

Ao contar um pouco mais sobre seus sentimentos após o momento da coleta de dados, essa participante relatou que um tempo após a descoberta da adoção, casou-se ainda em sua juventude, porém, esse relacionamento não deu certo a partir de uma traição vinda de seu ex-parceiro. Ela realça a adoção nesse momento, dizendo que além de se sentir rejeitada por seus pais biológicos, sentiu-se rejeitada por seu parceiro.

Analisando-se o sentimento de rejeição desperto nessa participante desde o momento da sua descoberta sobre a adoção, interrompeu-se o sentimento de confiança básica que deveria ter se desenvolvido em suas relações interpessoais, o que acarretou dificuldades no restante do seu desenvolvimento emocional. O fato de seu ex-companheiro tê-la traído não diz respeito à sua adoção, porém, para ela acabou sendo algo vinculado a esse sentimento.

Para Paiva (2005) o filho adotado, ao imaginar as razões que levaram seus pais biológicos a os deixarem provavelmente terão seu tempo de luto e tristeza. No entanto, existem relatos que evidenciam uma rápida superação do adotado quando a família revela a realidade de sua origem de maneira sincera. O participante I, ao falar sobre seus sentimentos com a descoberta, afirmou: “o sentimento foi de, digamos assim, como eu ainda não sabia direito o que era uma adoção, a reação foi normal né [...] eu não fiquei chateado porque depois o pai e a mãe explicaram bem certo o porquê eles tinham adotado e tudo né.” (informação verbal).

Percebe-se, mediante as inúmeras reações e sentimentos despertados com a descoberta da adoção, que assim como o lado negativo pode se fazer presente como um aspecto em alguns casos, o lado positivo também pode surgir. Ao analisar a declaração advinda do participante I quanto a isso, nota-se que uma forma de auxílio na hora de contar sobre a adoção é fazer com que o filho adotivo saiba de maneira clara e sincera pelos pais adotivos sobre o assunto.

3.3 MUDANÇAS COMPORTAMENTAIS APÓS A DESCOBERTA

Todorov e Moreira (2009) citam que as teorias baseadas no organismo olham para o comportamento como indício ou sintoma de processos que ocorrem dentro do organismo, sejam eles presumíveis processos fisiológicos, sejam processos mentais. “Eu coloquei aquilo na minha cabeça depois, desde a época que eu soube que a minha mãe não era a minha mãe biológica e fiquei pensando naquilo.” (participante III) (informação verbal).

Ao falar sobre seu comportamento depois do momento da coleta de dados, esse participante declarou que ficou tão pensativo em relação às suas raízes e em saber quem era sua mãe biológica que não conseguiu descansar a mente até não ir em busca disso. Ou seja, fica claro que o que a descoberta da adoção despertou a partir dos processos mentais com essa informação resultou nesse comportamento de busca.

A natureza sensorio-motora da relação organismo-ambiente faz concluir que o comportamento é dinâmico. Não se trata de uma relação estática, mas de uma relação mutável, ou seja, os acontecimentos na vida do indivíduo vão despertando seu comportamento (SKINNER, 1984). A participante II contou que após a descoberta “eu não obedecia mais à minha mãe, eu queria fazer o que dava na minha cabeça e com o tempo isso foi mudando, que a gente foi ficando um pouquinho mais velha.” (informação verbal).

Todorov e Moreira (2009) acreditam que como o comportamento é visto como indício ou sintoma de processos que ocorrem dentro do organismo, ele é mutável. Assim, não há um padrão de comportamento desencadeado ao descobrir sobre a adoção, mas, sim, uma reação desperta que ocorre conforme os processos mentais acontecem dentro de cada organismo mediante a descoberta. O participante I declarou: “foi normal.” (informação verbal).

A partir dessas declarações, percebe-se que após a descoberta da adoção, em muitos casos existe sim uma mudança de comportamento advinda do filho adotivo, porém, o fato de o comportamento ser mutável mostra que cada indivíduo apresenta diferentes e únicos comportamentos.

Embora os comportamentos sejam diversos e únicos, no saber sobre a adoção, segundo Schettini (1995), mudanças são despertadas após a revelação, e toda informação nova acrescenta algo na vida das pessoas, alterando, assim, o seu jeito de interpretar, de ver o mundo e as pessoas e até mesmo de agir.

3.4 OPINIÃO PESSOAL SOBRE QUANDO CONTAR SOBRE ADOÇÃO

Hartman (2005) afirma que ocultar a verdade sobre a adoção, retardá-la ou até mesmo deixar que ela seja descoberta por meio de outras pessoas pode influenciar na formação psicossociocognitiva do filho adotivo. Em relação a revelar sobre a adoção, a participante II expôs a sua opinião:

é mais fácil você aceitar enquanto tu é pequena, porque depois que nem eu [...] tinha quinze anos, e já é uma idade complicada pra juventude né [...] daí se tu sabe, tu vai se criando com aquilo na cabeça né, depois de uma certa idade tu cria uma revolta, que foi o meu caso né. (informação verbal).

Hartman (2005) ainda enfatiza que quando se opta pelo segredo, de alguma forma a criança sente inconscientemente e isso pode permitir que ela possa vir a apresentar algumas dificuldades relacionadas a si própria em certos processos de sua vida. Pode-se notar que essa informação está de acordo com o relato do participante I, quando declarou: “eu penso assim, tem que falar quando [...] no decorrer do crescimento da criança ir contando, porque você nunca sabe a reação da criança, qual vai ser.” (informação verbal).

O autor ainda afirma que a ligação estabelecida entre os segredos e o estigma é aprendida pelo adotado, uma pessoa estigmatizada fica defendida pelo segredo, mas este promove no ser uma estigmatização.

O participante III, assim como os demais, demonstram a mesma crença em relação à revelação, dizendo:

desde sempre né, porque imagina você viver a vida inteira ali pensando uma coisa e no final das contas vai descobrir né [...] eu acho que tem que ser falado desde que a criança começa a entender [...] a pessoa precisa saber sobre as suas raízes, tem que ter de onde que ela veio! (informação verbal).

É notável que cada um deles tem a sua história e opinião em diversos aspectos relacionados à adoção, ao processo da descoberta, às reações e sentimentos e aos comportamentos despertados ao se descobrir adotado. Porém, no sentido de revelar a adoção, os três participantes possuem a mesma ideia, que é de contar sobre a adoção o quanto antes para a criança. Para eles, a revelação o mais cedo possível faz com que o processo de aceitação seja vivido de forma mais clara, no sentido de que a criança passa a se acostumar com a realidade e aprender a lidar com isso de forma mais bem resolvida durante seu crescimento. Acreditam que cada um tem o direito de saber a verdade sobre si próprio desde o início.

Levinzon (2009) ainda enfatiza que não há a necessidade de ter um momento denominado revelação, em que os pais se sentam com a criança e contam tudo. Isso pode ser feito de maneira mais amena, deixando a criança saber aos poucos, preparando-a para a então conclusão, mas que independente da forma como seja a revelação, deve ser feita com sinceridade.

4 CONCLUSÃO

Descobrir-se adotado é algo complexo e que pode desencadear vários tipos de comportamentos e sentimentos, como tristeza, luto e revolta no filho adotivo, sendo que cada indivíduo recebe e manifesta essa informação de forma subjetiva. Não existe um padrão de sentimentos e comportamentos a ser manifesto por meio dessa descoberta, mas, sim, reações influenciadas mediante os processos mentais do indivíduo que reagem de acordo com a sua personalidade, suas crenças e até mesmo a cultura na qual está inserido.

Saber sobre a adoção muda para sempre a vida do filho adotivo e possivelmente de sua família, tanto adotiva quanto biológica, à medida que o filho procure por ela. Nota-se que entre os filhos adotivos há um breve acordo em relação à revelação da adoção, sendo que a preferência é de que esta seja o quanto antes de que saibam sobre sua história.

De fato isso ajuda a lidar com a situação com maior compreensão e aceitação, fazendo com que busquem viver uma vida de qualidade relacionada à verdade sobre si mesmos.

Os objetivos propostos nesta pesquisa foram alcançados, à medida que se compreenderam as reações, os sentimentos e os comportamentos que podem ser despertados por meio da descoberta da adoção. Esta foi de extrema importância para a Psicologia enquanto ciência, pois possibilitará o auxílio a profissionais e acadêmicos de Psicologia na concepção e uma melhor preparação profissional na questão de como é se descobrir adotado e quais as influências no comportamento do filho adotivo com essa descoberta.

Discover yourself adopted

Abstract

Adopting is a complex human experience, as is every parenthood, the purpose of adoption is to provide a family environment conducive to the development of a child, who for some reason was deprived of his biological family as a child. It is common in most adoption cases for some adoptive parents to conceal the truth, delay it or even let it be discovered through other people can influence the child's psychosocial and cognitive formation. This research aims to understand the process of discovery of adoption in 03 children who were found to be adopted between the ages of 07 and 18 years. As a method for data collection, semi-structured interviews were developed. Data analysis was based on Bardin (2016), and the individuals were contacted using the Snowball technique. The ethical implications of this research were minimal because the rights of the participants were guaranteed, since all the information was consented through the Free and Informed Consent Term (TCLE). It is concluded in this study that finding oneself adopted is something complex and can trigger various types of behaviors and feelings such as sadness, mourning and revolt in the adoptive child, however, there is no pattern of feelings and behaviors to be manifested through this discovery, but rather reactions influenced by the personality of the individual, their beliefs and even the culture which is inserted.

Keywords: Adoption. Discovery. Understanding.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. C. de. **DNA e estado de filiação à luz da dignidade humana**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2003.
- ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Divisão de saúde mental. Pesquisa Qualitativa para Programas de Saúde**. Genebra: WHA, 1994.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- FRANK, E. M. S. W. **Adoção e fases de desenvolvimento**. 1990. Disponível em: <www.mare.org>. Aceito em: 20 nov. 2017.
- GRANATO, E. F. R. **Adoção doutrina e prática**: com comentários à nova lei de adoção. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2010.
- HARTMAN, A. Segredos na Adoção. In: WAGNER, A. **Como se perpetua a família**: A transmissão dos Modelos Familiares. Tradução Dayse Batista. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.
- LEVINZON, G. K. **Adoção**. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.
- PAIVA, L. D. O psicólogo judiciário e as “avaliações” nos casos de adoção. In: SHINE, S. (Org.). **Avaliação Psicológica e Lei**: Adoção, Vitimização, Separação Conjugal, Dano Psíquico e outros temas. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- PICCINI, A. M. A criança que “não sabia” que era adotiva. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 2, n. 2, p. 116-131, 1986.
- ROSIN, S.; RODRIGUES, E. **Infância e Práticas Educativas**. Maringá: Eduem, 2007.
- SCHETTINI, L. F. **Compreendendo o filho adotivo**. 2. ed. Recife: Bagaço, 1995.
- SKINNER, B. F. Seleção por consequências. **As ciências do comportamento e do cérebro**, v. 7, n. 4, p. 477-510, 1984.

TODOROV, J. C.; MOREIRA, M. B. Psicologia, comportamento, processos e interações. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 22, p. 404-412, 2009.

WAGNER, A.; FALCKE, D. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In: WAGNER, A. (Org.). **Como se perpetua a família?** A transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

WEBER, L. N. D. **Aspectos Psicológicos da adoção**. 2. ed. Curitiba: Juruá Psicologia, 2003.

